

MEMÓRIAS DE DONA SANTINHA, OPS. DE DONA ALZIRA

Josefa Cardoso dos Santos¹

INTRODUÇÃO

Neste artigo reconstituo parte importante da história de vida de minha mãe, dona Alzira ou dona Santinha, como é mais conhecida por todos os conterrâneos canudenses. São fatos contados por ela própria, ou seja, suas memórias pessoais, mas que estão diretamente ligadas a história da cidade de Canudos e de toda a região. Em verdade constituem a memória coletiva e social do lugar.

Durante a leitura do texto é possível perceber que a vida de minha avó permite que os leitores relembrem datas históricas importantes, como a chegada do ex-Presidente Getúlio Vargas, além de trazer como se iniciou a genealogia de sua família (desde a terceira geração), enfatizando as dificuldades que esta enfrentou ao longo de sua existência, como dificuldades para garantir a sua própria subsistência, como também momentos felizes, como o nascimento dos seus filhos, a morte trágica de uma de suas rebentas, o seu ato generoso de perdoar o suposto assassino. Poderá ser contemplado aqui mesmo neste texto um episódio histórico, o encontro de parte de sua família com o temido cangaceiro Lampião, fato que fez com que se mudassem de localidade; a sua dura vida como trabalhadora de roça e costureira.

A partir deste breve panorama do que será exposto neste artigo, consegue se inferir que a leitura do mesmo é interessante não apenas para quem conhece ou convive com a família de Josefa Cardoso, porque a vida desta senhora faz com que os leitores deste texto recordem sobre o passado do atual município de Canudos, como também ainda entenda como era o cotidiano da mulher sertaneja no semiárido baiano ontem e até os dias de hoje. Assim esta produção textual construída a partir do depoimento da própria Dona Alzira faz com que os historiadores e outros pesquisadores de áreas afins percebam

¹ Graduada em História pela UNEB, pesquisadora e filha de Dona Alzira. Atualmente reside em Canudos, no estado da Bahia.

que a história desta mulher se encontra entrelaçada com a do seu lugar de sua origem, e que esta foi participante ativa da maioria dos acontecimentos, porque não deixou esta herança histórica transmitida por seus avós e bisavós ser esquecida, já que guardou com carinho em sua mente a maioria dos relatos que seus antepassados lhe transmitiram. Portanto mais do que uma mulher de hábitos simples, esta demonstra que valoriza e se orgulha de toda a sua história, constituindo-se e demonstrando que “as pessoas podem ser por si próprias fontes vivas da história”, que muitas vezes não estão registradas em documentos, nem gravadas ou registradas em utensílios, em fotografias etc., mas que a História reconhece como valiosa e enriquecedora como fonte de pesquisa e que reforça a ideia de que a história se constrói todos os dias, por cada um de nós em diferentes espaços, em diversas interações continuamente ao longo da existência de cada um de nós, independentemente de nosso sexo, idade, cor, religião, origem, trabalho, condição social e escolaridade.

MEMÓRIAS VIVAS DE UMA SERTANEJA DO SEMIÁRIDO BAIANO

No dia 08 de maio de 1925, nasce Alzira Cardoso do Vale, (vindo a trocar o sobrenome do “Vale”, por “Santos”, após o seu matrimônio depois de muitos anos), na Fazenda Carvalho, na casa da avó materna, próximo a Fazenda Garajau deste município de Canudos-BA, filha de Mamédia Cardoso do Vale e Eduardo Ferreira Campos, apelidado por Dovige. Ela só veio a saber o nome verdadeiro do pai no dia do seu casamento, quanto o padre mencionou o nome dele.

Quanto a sua árvore genealógica, era bisneta de Joaquim Macambira e neta de João Macambira que na ocasião da guerra era noivo de sua avó, Maria Virgília. Seu avô, João Macambira contava que saiu da guerra ele, o irmão Manoel Macambira e Zé Pretinho, que dizia que foram levados para Salvador, Maria Francisca, Valeriana e Paulo, sendo que mais tarde ele foi buscar os irmãos e só encontrou Maria Francisca e a notícia que teve foi que levaram Valeriana e Paulo para Belém do Pará. Ainda relatava que seus pais perderam a vida na Guerra de Canudos. Faleceram também outros irmãos.

Não nasceu nem Santinha e nem Alzira, pois ficou por mais de um ano sem nome, foi nesse meio tempo que sua irmã mais velha Maria a apelidou de Santinha e assim ficou

sendo chamada e conhecida. Passados 96 anos resolveu anunciar para todo mundo seu nome de batismo, nome dado por seus padrinhos, D. Josefa e Seu Manoel Dionísio. Ela disse que ficou a pensar: Quando eu morrer, vão rezar pra Santinha e eu não vou receber (rs), pois meu nome é Alzira (rs). Assim ela não quer mais ser chamada pelo apelido.

Foi uma criança feliz, enquanto tinha a família toda reunida, ela , o pai , a mãe e as três irmãs.

Em 1932, na Fazenda Garajau, onde residia com seus pais, receberam uma visita muito inusitada, Lampião e seu bando! Ela conta que estava brincando com sua irmã Francisca, mais nova do que ela 2 anos, de fazer mingau de terra, pois não tinham brinquedos, quando se aproximou dois cabras de Lampião e um perguntou: “_ Meninas cadê seu pai?” Ela respondeu: “_ Tá na tota, ele retrucou: _ Onde?” Aí Francisca que era mais esperta respondeu: “_ Tá na roça”. Este então questiona: “E onde é essa roça?”. Ela conta que de tanto medo que sentiu, não conseguia mudar as passadas, foi aí que se aproximou um vizinho e foi com Francisca chamar o pai dela. Os dois cabras de Lampião pegaram uma banda e um quarto de bode e levaram para assar debaixo do pé de mulungu. Lampião despejou um alforge de farinha e outro de açúcar, misturou e comeram com a carne assada, nisso chegou o pai dela. Lampião perguntou quanto foi a carne e ele respondeu: “_ Num foi nada não”, mas mesmo assim Lampião deu um dinheiro a ele. Ela não sabe quanto e Coristo botou uma moeda na mão dela e outra na de Francisca.

Lampião falou que tinha acabado de botar fogo na Fazenda de Petrus e mandou meu pai ir aproveitar alguma criação, mas meu pai não foi. O motivo da ira de Lampião dizem ter sido porque Lampião deixou um dinheiro para Petrus comprar uma Fazenda pros dois e o infeliz botou só no nome dele. Depois dessa visita, eles mudaram de lá com medo de Lampião.

Seu pai se locomovia de moleta, devido alguns problemas de saúde, mas mesmo assim trabalhava na roça , limpava e plantava.

Em 1933 ainda com apenas oito anos de idade perdeu o pai e então sua mãe, Mamédia, viúva (com quatro filhas) com apenas nove meses de viuvez é pedida em casamento por Manoel Jerônimo do Vale (também com quatro filhos). A princípio esta não aceita o pedido, mas depois volta atrás quando o viúvo diz estar sozinho a cerca de dez anos. Desta união nasceram mais quatro filhos.

No entanto, mesmo casada, o seu novo marido só assume a filha mais nova da sua mulher, pois esta antes do casamento, já tinha entregue suas três filhas a outras parentes para criar, por falta de condições financeiras, e por isso começou o sofrimento de Alzira, vindo a morar de casa em casa. Depois de grandinha começou a trabalhar em casas de família só para ter o sustento. Usava roupa de chita, tinha deles de ter mais remendos do que o próprio tecido.

Algum tempo depois, foi com a mãe doente, com problemas mentais e com seu avô, Joaquim Macambira até o Buquim (local onde o mesmo já residia), no estado de Sergipe a pé, andaram em torno de sessenta léguas e levaram quase um mês para chegar ao destino.

Aos 15 anos presenciou a visita do Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas em outubro de 1940, já moradora da segunda Canudos, trabalhava como costureira e foi levada por seu tio-soldado Filirmino Modesto para trabalhar no mesmo ofício de costureira no Espírito Santo, ficando por lá por três anos, onde teve seu primeiro problema de saúde mental, sendo que foi neste local que noivou com o filho do seu padraсто que também estava por lá para trabalhar no cafezal. Ela e o noivo Evaristo Manoel dos Santos retornaram para Canudos e casaram-se aqui mesmo em outubro de 1953. Seu sogro (filho de Jeromão) que também era conselheirista morou com eles por algum tempo, sendo que na época da Guerra de Canudos tinha 15 anos e foi atingido por uma bala dentro de casa que entrou no ombro e saiu pelo braço. Ela ouvia do sogro que Urbano, irmão de Jeromão subia na serra do Cocorobó para escutar o zumbido do clavinote de Jeromão para saber se este ainda estava vivo e falava que bala não pegava nele, porque este fazia uma oração que o livrava das balas. Desta união de Alzira e Evaristo nasceram dez filhos, sendo que oito estão vivos.

Quanto a perdas, perdeu a sua filha em fevereiro de 1985, de morte trágica e perdoou o suposto assassino no mesmo dia. A família dela cresceu ainda mais, pois geraram vinte cinco netos, quarenta bisnetos e quatro tataranetos.

Já na década de sessenta, com a construção do açude, teve que sair de Canudos e vir morar em Cocorobó e neste local teve apenas uma filha. Em 1982 ficou viúva e durante sua vida foi internada diversas vezes em sanatórios, lhe causando muito sofrimento, mas na sua última internação que durou oito meses e aconteceu no fim dos

anos noventa, no estado de São Paulo fez um tratamento que devolveu a mesma a sua saúde mental.

Desde a segunda Canudos se percebia que esta é uma pessoa bastante religiosa, de bom coração que teria herdado esta qualidade de Joaquim Macambira que diziam ter coração mole. Nota-se até hoje e não apenas no passado, que esta possui um modo de viver simples, sem vaidades, já que nunca fez uso de maquiagem nenhuma e continua como membro do Apostolado da Oração. Nunca estudou em escola, porque era difícil ingressar na mesma e a mãe achava que aprender a ler facilitava as moças a mandarem bilhetes para os namorados. Agora em 2022, aos 97 anos, vê-se que felizmente encontra-se totalmente lúcida, curada pela graça divina e passa seus dias fazendo belas colchas de crochê.